

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**A instrução pública para trabalhadores : o Grupo Escolar
Estevam de Oliveira de Juiz de Fora – MG**

Maria Aparecida Figueiredo Cohn*

Resumo: Este trabalho tem como proposta de pesquisa, a (re) construção da história da escola pública primária, de ensino noturno, a instituição escolar: O Grupo Escolar Estevam de Oliveira, destinado aos trabalhadores da cidade de Juiz de Fora – MG. O recorte temporal privilegiado refere-se ao nascimento do Grupo Escolar Estevam de Oliveira, em 1926 até sua extinção em 1971 em concordância com a Lei 5692/71. Recorremos às formulações teórico-metodológicas da História Cultural cujos referenciais têm possibilitado o estudo e a compreensão de novos objetos da historiografia da educação permitido um novo olhar sobre as instituições escolares.

Palavras - chave: Grupo Escolar - Cultura Escolar - Ensino Noturno - Juiz de Fora – MG.

Abstract: This work has as research proposal, the (re) construction of the history of a primary public school, of nocturnal education, the school institution: Group Estevam de Oliveira, destined to the workers of the city of Juiz de Fora – MG. The privileged temporal moment makes reference to the birth of the school Group Estevam de Oliveira, in 1926 until it became extinguished in 1971 in agreement with Law 5692/71. We use the theoretical - methodological formularization of the Cultural History whose reference have made possible the study and understanding of new objects from the historiography of education allowing a new look at the school institutions.

Key Words: school Group - school Culture - Nocturnal Education - Juiz de Fora – MG.

A História da Educação no Brasil assiste, atualmente, a um dos mais intensos debates e movimentos de pesquisadores em relação à escola primária. Nunca os temas educação primária, Grupos Escolares e a ação do Estado na organização do ensino elementar do País, foram tão debatidos no campo da historiografia da educação brasileira.

Frente ao exposto, é válido salientar a relevante contribuição que os estudos históricos sobre os grupos escolares têm trazido para a história do ensino primário e da escola pública no Brasil. Urge destacar que, durante muitos anos, a história desse nível de ensino foi relegada ao segundo plano.

Pesquisar a história de uma instituição escolar exige uma compreensão ampla e organizada sob vários olhares do pesquisador. Magalhães (2004:133-134) destaca que para re

* Mestranda do Curso de Mestrado em Educação do PPGE DA UFJF. Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Dalva Carolina (Lola) de Menezes Yazbeck; Universidade Federal de Juiz de Fora; Capes

(constituir) a história de uma instituição escolar é mister “integrá-la de forma interativa no quadro mais amplo do sistema educativo, nos contextos e nas circunstâncias históricas, implicando-a na evolução de uma comunidade e de região, seu território, seus públicos e zonas de influência”.

O objetivo principal deste trabalho é reconstruir a história do Grupo Escolar Estevam de Oliveira, como também, compreender os aspectos ligados ao ordenamento normativo, os espaços, tempos, currículos, e principalmente, o conhecimento dos sujeitos que freqüentaram e produziram a primeira escola pública destinada aos trabalhadores da cidade de Juiz de Fora – MG. Uma escola que veio compor a tríade dos Grupos Escolares, os Grupos Centrais¹, instalados em 1907 na cidade de Juiz de Fora – MG. O período a ser estudado obedece a um recorte que vai desde a sua instalação em 1926, até a década de 1970, quando do seu surgimento e sua respectiva extinção como grupo escolar.

Esclarece-se que o término de suas atividades ocorreu em obediência à Lei 5.692 / 71², de 11 de agosto de 1971, que implementou o ensino de primeiro grau. De acordo com a referida lei, a escola primária e o ginásio passam a integrar uma única escola com oito anos de duração, compondo o que, atualmente, denominamos de ensino fundamental.

De acordo com SOUZA e FARIA FILHO (2006), a história dos grupos escolares é recente, emerge nos anos 1990, como fruto do movimento de renovação dos estudos em história da educação e em torno de questões como: a história das instituições escolares e cultura escolar. Tais estudos significaram uma redescoberta do ensino primário, possibilitando uma nova forma de escrever história.

Dentro desse contexto, a renovação da História da Educação, com base na Nova História Cultural e na Escola dos Annales, faz-se dentro de uma nova forma de entender e escrever a história. Segundo Burke (1991), as idéias dos Annales buscam substituir uma história linear, através de fatos estritamente políticos por uma história que busca a integração com outras disciplinas das Ciências Sociais.

¹ Nome justificado pela sua localização, em frente à Catedral Metropolitana, numa área central que nos idos dos primeiros vinte anos do século XX, compunha um trecho urbano considerado nobre, na principal avenida da cidade, em cujas vizinhanças abrigavam as residências da alta burguesia local. Os Grupos Centrais eram formados pelas três instituições: Grupo Escolar José Rangel, Grupo Escolar Delfim Moreira e Grupo Escolar Estevam de Oliveira. (YAZBECK, 1999: 102)

² A Lei n. 5.692, de 11 de agosto de 1971, fixou as diretrizes e bases da escola de 1º e 2º graus. De acordo com a lei, o ensino de 1º grau compreendendo a duração de oito anos letivos (art. 18) destinava-se à formação da criança e do pré-adolescente (art. 17), correspondendo ao ensino primário obrigatório e gratuito dos 7 aos 14 anos, estabelecido pela Constituição Federal de 1967 (art. 176 § 3º, II). Pela Lei de Diretrizes e Bases de 1996 (Lei n. 9.496, de 20 de dezembro de 1996), esse primeiro período de educação escolar passou a denominar-se ensino fundamental.

No Brasil, esse campo de estudos aproximou-se de uma nova forma de escrever história, possibilitando uma nova leitura, principalmente, da escola. LOPES E GALVÃO (2001) destacam que os estudos passaram a ser mais contextualizados, ocupando-se da organização e funcionamento interno das escolas, enfatizando aspectos culturais, cotidianos, curriculares, etc.

A reconstrução da história do Grupo Escolar Estevam de Oliveira adquire especial importância ao realçar alguns aspectos da história social e política da cidade, bem como da própria educação. Faria Filho (2005:43) destaca que uma das formas de se compreenderem as relações entre cidade e escola é buscar entender como a instituição escolar inscreve-se nas teias das relações urbanas.

Dadas as especificidades do tema, optei por uma pesquisa qualitativa de cunho histórico-cultural. A efetivação do estudo ocorrerá através de consultas em Arquivos, documentos internos da escola e governamentais, jornais da época e depoimentos orais.

O nascimento dos grupos escolares

Os grupos escolares, modelos de renovação do ensino, surgiram na legislação de 1893, em São Paulo e no Rio de Janeiro, regulamentados e implantados a partir de 1894 em São Paulo.

Para Faria Filho (2003:147), os grupos escolares, que foram construídos como verdadeiros *templos do saber*, encarnavam todo um conjunto de saberes, de projetos político – educativo, propondo um modelo definitivo da educação do século: o das escolas seriadas. Vistos como prática e representação que permitiam aos republicanos romper com o passado imperial, os grupos escolares projetavam um futuro em que, na República, o povo, em harmonia com a nação, construiria uma sociedade ordeira e progressista.

Em Minas Gerais foram criados, legalmente, pela Reforma João Pinheiro de 1906, que normatizou o ensino elementar no Estado. Os grupos escolares foram criados pela Lei de número 439, de 28 de setembro de 1906 e regulamentados pelo Decreto de número 1960, de 16 de dezembro de 1906. A reforma do ensino instituída pelo governador João Pinheiro é considerada o marco divisório na instrução mineira em função da criação dos grupos (MOURÃO,1962:94)

Sobre a implementação dos Grupos Escolares em Juiz de Fora, (YAZBECK, 2006:268) destaca que “a cidade guarda com curioso orgulho a idéia do pioneirismo, por ter abrigado a instalação do primeiro grupo escolar do estado de Minas Gerais”.

O modelo dos grupos escolares atravessou o século XX, constituindo-se como referência básica até a atualidade, como na organização das classes seriadas, na utilização racionalizada do tempo e dos espaços, como também na fiscalização do trabalho das professoras, o que nos leva a pensar que o modelo de escola ainda persiste, tendo apenas mudado de nomenclatura.

O Grupo Escolar Estevam de Oliveira e a cidade de Juiz de Fora – MG

O Grupo Escolar Estevam de Oliveira constitui o objeto de maior interesse para este estudo. Para tratar esse assunto, faz-se necessário situar a cidade de Juiz de Fora para que se proceda à sistematização do *corpus* e das informações sobre as singularidades da trajetória histórica dessa instituição escolar.

No entender de Faria Filho (2005: 43),

É na cidade, sem dúvida, que a escola vai ter que se defrontar continuamente e de forma sistemática com outras formas de socialização que ora se lhe mostram complementares, ora francamente antagônicas, como a rua, os espetáculos públicos e a fábrica, por exemplo. Em relação a essas, ora se desenvolve uma clara hostilidade, ora a apropriação de alguns de seus elementos estruturantes, ora tentativas mais ou menos frutíferas de escolarização, ou seja, de submetê-las à cultura escolar.

Juiz de Fora, cidade situada na Zona da Mata, surge da construção do Caminho Novo dos Campos Gerais, que visava facilitar aos comerciantes do Rio de Janeiro o acesso a Minas Gerais, surgindo daí, o maior intercâmbio econômico e cultural entre as cidades.

Com a abertura da Rodovia União Indústria, em 1861, podemos constatar a origem do crescimento econômico da cidade, principalmente pelo fato de sua proximidade com a cidade do Rio Janeiro, centro de maior importância do país. Juiz de Fora ocupou um local de destaque nos âmbitos estadual e federal, uma vez que era vista como pólo de referência intelectual e industrial. Como enfatiza YAZBECK (1999 : 3),

“No final do século XIX, pela ação da parcela da elite agrária, a cidade de Juiz de Fora iniciou o seu desenvolvimento industrial por meio de um projeto de modernização que inclui iniciativas no âmbito da saúde, da educação e da cultura. A educação em Juiz de Fora tornou-se um dos signos da cidade, e esta recebeu a denominação de “Atenas de Minas” pela tradição de suas escolas primárias e secundárias.”

De 1908 a 1920, a indústria de Juiz de Fora teve seu maior índice de crescimento destacando-se como o mais importante centro industrial de Minas Gerais. O setor têxtil despontava como predominante entre as atividades industriais.

O desenvolvimento econômico da cidade fazia com que esta se mostrasse diferente em relação às tradicionais cidades mineiras. CHRISTO (1994 :10) destaca tal situação, quando diz que “enquanto as cidades barrocas se formam e se guiam pelos sinos das igrejas, a população de Juiz de Fora teve sua vida normatizada pelos apitos das fábricas de estilo neoclássico e o bater dos tamancos de seus operários de ambos os sexos e diversas nacionalidades.”

Na década de 1930, o setor cresce, mas já evidencia algumas dificuldades, sinalizando a fase de estagnação e declínio econômico pela qual passaria a cidade. Entretanto, a indústria local conseguiu recuperar-se, persistindo o setor têxtil como preponderante.

Nessa perspectiva, é importante situar, nesta pesquisa, as condições nas quais ocorre a criação do Grupo Escolar Estevam de Oliveira, observando os atores sociais que se envolveram no processo, organização e funcionamento, de fundação dessa instituição.

O Grupo Escolar Estevam de Oliveira foi criado em 21 de dezembro de 1926, pelo Decreto número 7432, por ato do Exmo. Sr. Presidente do Estado de Minas Gerais, Dr. Antônio Carlos, sendo secretário de Educação, o Exmo. Sr. Dr. Francisco Campos, para atender à classe de trabalhadores que necessitassem estudar no horário noturno, sendo portando, de acordo com as Leis e Decretos, o segundo Grupo Escolar Noturno do estado. Quando da sua criação, foram matriculados 410 alunos distribuídos por sete classes, tendo como diretor. o Sr. Professor José Augusto Lopes e a primeira auxiliar Maria José Brandão.

O Grupo Escolar Estevam de Oliveira é instalado em 15 de janeiro de 1927, com alunos matriculados nos primeiro e segundo anos.

Através de leituras de documentos e atas dos grupos, pode-se inferir que a origem do Grupo Escolar Estevam de Oliveira possa estar vinculada a uma Escola Noturna para adultos do sexo feminino, criada em 1914, a qual funcionava anexa ao Grupo Escolar José Rangel, o qual funcionava no período da manhã..

É válido destacar que investigar o Grupo Escolar Estevam de Oliveira, hoje, Escola Estadual Estevão de Oliveira, permite traçar um retrato da escola com seus atores, aspectos de sua organização, seu cotidiano, seus rituais, sua cultura e sua trajetória em nossa sociedade

O palacete Santa Mafalda : o prédio escolar

O prédio onde funcionavam os Grupos Centrais, o grande casarão da avenida Rio Branco, localizado em frente à Matriz, Catedral Metropolitana, possui uma história curiosa.

Com base no Livro de Instalação dos Grupos Escolares e alguns historiadores da cidade (OLIVEIRA, 1966; YAZBECK, 2006), constatou-se que tal prédio fora construído para ser presenteado ao Imperador D. Pedro II, pelo Comendador Manoel do Valle Amado em 1861, na ocasião de sua visita à cidade para a inauguração da Estrada União Indústria.

O Palacete foi oferecido oficialmente ao Imperador que o recusou, recomendando que o prédio fosse utilizado para fins de caridade ou instrução para crianças pobres. Como a sugestão foi recusada, o Comendador determinou que o prédio jamais fosse habitado, mandando fechar portões, portas e janelas do Palacete.

Com o falecimento do Senhor Comendador, em 1862, seu descendente, o Barão de Santa Mafalda, legou em testamento o Palacete à Santa Casa de Misericórdia que por motivos econômicos, negociou o prédio com o Estado.

Após 43 anos, o Palacete foi reaberto, para ser utilizado conforme o desejo inicial de Dom Pedro II. Instala-se, a partir de 04 de abril de 1904, um estabelecimento de instrução, a Escola Normal. Que permanece no prédio por apenas dois anos.

Em 1907, são instalados o primeiro e segundo grupos, “José Rangel” e “Delfim Moreira”. O grupo escolar, símbolo de uma cultura popular, passa a integrar o núcleo urbano da cidade composto pela Prefeitura, Câmara Municipal, correios, lojas, bancos e Igreja Matriz, a Catedral Metropolitana. Ao mesmo tempo distinguia-se das residências, das casas comerciais e dos edifícios que constituíam a cidade. Um espaço imponente no centro da cidade!

ESTHER BUFFA (2002) salienta que, na paisagem das cidades, é possível distinguir, com clareza, um edifício imponente onde funcionava um Grupo Escolar, construído nas primeiras décadas do período republicano.

Compreendemos que no início do século XX a escola configurava-se como um lugar de referência para as cidades, sendo percebidas como “modelos”. Como enfatiza (SOUZA, 1998: 123)

“(...) o edifício escolar torna-se portador de uma identificação arquitetônica que o diferenciava dos demais edifícios públicos e civis ao mesmo tempo em que o identificava como um espaço próprio – lugar específico para as atividades de ensino e do trabalho docente. (...) O espaço escolar passa a exercer uma ação educativa dentro e fora dos seus contornos.”

A partir de 1927, o espaço do palacete é alterado para atender às necessidades da escola e à demanda de alunos matriculados. Podemos constatar esse fato através da publicação no Jornal “O Dia” de 07/04/1927.

Em publicação do mesmo jornal em 25 de maio de 1927, podemos conferir a notícia da construção de um novo pavilhão no prédio dos grupos escolares. Recentemente, o Estado de Minas Gerais empreendeu uma série de obras de restauração e ampliação do Palacete Santa Mafalda em que se busca recuperar as características do prédio. Como edificação mais antiga naquela área urbana, o Palacete, tombado pelo Decreto nº 2864, de 19 de janeiro de 1983, integra o conjunto de edificações preservadas pelo patrimônio histórico, arquitetônico e cultural da cidade.

Em 1992, o Palacete passa a ser ocupado nos três turnos pela Escola Estadual Delfim Moreira.

Concluindo...

Os grupos escolares, em Juiz de Fora, nasceram no movimento de visibilidade da modernidade republicana e da modernização e neste ano de 2007, comemoram seu Centenário.

Portanto, a re (construção) desta história adquire especial importância para que se chame a atenção, de maneira peculiar, para o Grupo Escolar Estevam de Oliveira, de ensino noturno. Buscando através dele, resgatar de certa forma a história de muitos cidadãos e da própria cidade de Juiz de Fora – MG, bem como da educação que através de uma instituição pode ser reconstituída em seus aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos e educacionais.

No momento em que a educação pública enfrenta novos desafios, busca novos espaços de atuação e abre novas oportunidades para os cidadãos, é importante ter o conhecimento de realidades que, no passado, significam passos relevantes no sentido da garantia de um futuro melhor para todos. O direito à educação é um desses espaços que não perderam e nem perderão sua contemporaneidade.

LOPES (2001) refere-se à escola como uma instituição que educa e instrui, mas cada sociedade, cria, e cada uma a seu tempo, maneiras de educar homens, mulheres, crianças, jovens e adultos.

Referências

- ARAÚJO, José Carlos Souza; JÚNIOR, Décio Gatti (org). **Novos temas em história da educação brasileira:** instituições escolares e educação na imprensa. Campinas: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2002.
- BUFFA, Éster; PINTO, Gelson de A. **Arquitetura e educação:** organização do espaço e propostas pedagógicas dos grupos escolares paulistas. 1893/1971. São Carlos: EDUFSCAR/Brasília, INEP, 2002.
- BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da Historiografia: A Escola dos Annales (1929-1989)** São Paulo: Ed. Unesp, 1991.
- _____. **A Escrita da História: novas perspectivas.** Tradução de Magda Lopes. São Paulo. Editora da UNESP, 1992.
- BRASIL, **Decreto nº 7970-A de 15 de outubro de 1927.** Aprova o Regulamento de Ensino Primário, Belo Horizonte, MG, 1927.
- BRASIL, **Decreto nº 1994 de 20 de março de 1907** – Cria a Escola Noturna em Juiz de Fora.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Trad. Maria Manuela de Galhardo. 2ª Edição. Lisboa- Difel. Rio de Janeiro, 1990.
- CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. **A Europa dos pobres: Juiz de Fora na “Belle Époque Mineira”.** Juiz de Fora: Ed. da UFJF, 1994.
- ESCOLA ESTADUAL ESTEVÃO DE OLIVEIRA. **Livro de Atas de Reunião de Leituras dos Grupos Centrais – 1951 – 1957** Juiz de Fora. (Documento não publicado).
- FARIA FILHO, Luciano Mendes. **Dos Pardieiros aos Palácios:** Cultura escola e cultura urbana em Belo Horizonte na Primeira República. Passo Fundo: UFP, 2000.
- _____. **Cultura Escolar e Cultura Urbana.** In: Revista Presença Pedagógica, v.11, nº 66, nov/dez., 2005, p.41-43.
- _____. **O jornal e outras fontes para a história da educação mineira do século XIX:** uma introdução. In: ARAÚJO, J. C. S.; GATTI, D. J. (ORG) **Novos temas em História da Educação Brasileira:** instituições escolares e educação na imprensa. Campinas, SP: Autores Associados; EDUFU, 2002.
- GIROLETTI, Domingos. **A Industrialização em Juiz de Fora: 1850-1930.** Juiz de Fora, Ed. da UFJF, 1988.
- LOPES, Eliane e GALVÃO, Ana Maria. **História da Educação.** Ed. DP & A. 2001.
- MAGALHÃES, Justino. Contributo para a História das Instituições Educativas – Entre A Memória e o Arquivo. In: **Para a História do Ensino Lical em Portugal. Actas dos Colóquios do I Centenário da Reforma de Jaime Moniz (1894-1895).** Universidade do Minho, 1999.
- _____. **Tecendo Nexos: história das instituições educativas.** Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.
- MOURÃO, Paulo Kruger Correa. **O ensino em Minas Gerais no tempo da República (1889-1930).** Belo Horizonte: Centro Regional de Pesquisas Educacionais, 1962.
- NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República.** 2ª ed. Rio de Janeiro: DP& A, 2001.
- OLIVEIRA, Paulino. **A História de Juiz de Fora** (2ª ed.). Juiz de Fora, Gráfica Comércio e Indústria, 1966.
- PALACETE SANTA MAFALDA – Secretaria da Educação de Minas Gerais. Prefeitura Municipal de Juiz de Fora, 2000.

SOUZA, Rosa Fátima de. Lições da escola primária. In: Almeida, J. S. de; Saviani, D. **O legado educacional do século XX**. Campinas: Autores Associados, 2004.

_____. **Templos de Civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo: (1890-1910)**. São Paulo: Fundação UNESP, 1998.

YAZBECK, Lola (Dalva Carolina de Menezes). **As origens da universidade de Juiz de Fora**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 1999.

YAZBECK, Lola (Dalva Carolina de Menezes). **Formando os bons trabalhadores: os primeiros grupos escolares em Juiz de Fora, Minas Gerais**. In: Cadernos de História da Educação, nº 02 – Universidade Federal de Juiz Uberlândia – janeiro a dezembro de 2003, p.99/106.